



## Emoção e Polarização nas e pelas Redes Digitais: a gestão de repertórios afetivos por públicos em rede

Patrícia P. Pavese<sup>1</sup>

Julio Valentim<sup>2</sup>

### RESUMO

Nosso objetivo neste artigo é refletir, numa perspectiva especulativa, a relação entre Repertórios Afetivos e as Polarização/Duplicidade Políticas nas interações na e pela Internet. Sendo assim, procuramos estabelecer o diálogo com autores que discutem os fenômenos em questão. A hipótese que orienta a nossa discussão é que, com a suposta existência de um ambiente cultural no contexto histórico brasileiro recente, há o favorecimento da produção de novas e o reforço de antigas formas de polarização em públicos que se conectam nas e pelas Redes Sociais Digitais. Este processo se desenrolaria a partir de modos de gestão conflitantes de Repertórios Afetivos distintos entre dois grandes grupos de actantes: um mais alinhado ideologicamente ao discurso de Direita e outro afinado ao de Esquerda. No percurso que seguimos, inicialmente, versamos sobre as possibilidades de pesquisa em torno das emoções em ambientes digitais. Na sequência, levantamos elementos teóricos para a compreensão das possibilidades de Ação Conectiva na gestão de Repertórios Afetivos por Públicos em Rede no universo das Plataformas Digitais, assim como os indicadores de Polarização Política Internet, especialmente no Brasil.

**Palavras-Chave:** Redes sociais digitais, Repertórios afetivos, Polarização, Duplicidade.

Recebido em 30/03/2019

Aceito para publicação em 04/02/2020

DOI: <https://doi.org/10.25067/s.v2i23.24056>

---

<sup>1</sup> Doutora em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professorado Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFES e integrante do Grupo de Estudos do Consumo. E-mail: pppavesipatricia4@gmail.com.

<sup>2</sup> Jornalista, Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ. Desenvolveu pesquisas de Mestrado e Doutorado sobre cibercultura e como a Internet e os celulares estão sendo usados para organizar campanhas eleitorais e protestos. Atualmente, seu interesse como pesquisador é o uso de plataformas, bots, algoritmos, inteligência artificial e Big Data para propósitos políticos. E-mail: jvalentim@gmail.com.

## Introdução

Valentim (2005) sinaliza que “cidades estão tornando-se metrópoles cibernéticas, onde cada vez mais os cidadãos, animais, máquinas, veículos, objetos e lugares são monitorados e conectados, entre si e a qualquer parte do mundo, através do ciberespaço”. Segue argumentando que “em movimento ou parado, tudo começa a se interconectar e a funcionar – de preferência sem fios – como um complexo sistema cibernético de comando”. Bennet e Sergeberg (2013), por sua vez, afirmam que vivemos com a ascensão das Plataformas Digitais a passagem do modelo de Ação Coletiva para o da Ação Conectiva, no qual o novo padrão de agência em fluxos por Redes Sociais Digitais e seus desenhos de interface específicos exercem papel decisivo na modelação dos fluxos coletivos.

O relatório *Digital in 2019*, feito pela *We Are Social* em parceria com a *Hootsuite*, apontou que 66% da população brasileira é usuária das redes sociais. Em ordem decrescente, os sites mais acessados na ocasião eram: Youtube (95%), Facebook (90%), Whatsapp (89%), Instagram (71%).<sup>3</sup> O intenso e já naturalizado trânsito em universos digitais no Brasil e as modulações que têm recebido as ações políticas constituídas nas e pelas conexões, apresentam-se como imperativas para a investigação pelas Ciências Sociais hoje.

As Plataformas Digitais, embora sejam artefatos técnicos, não se constituem como um universo amorfo, linear e homogêneo. “São estruturas e relações sociais, economia e mercado; é política, estética e poesia. Assim como a cidade em sua dimensão material, é igualmente tensão, anonimato, indiferença, desprezo, agonia, crise e violência” (ECKERT, ROCHA, 2008).

Assim sendo, pode-se especular a existência de um regime de ação (modelo de cidade), nos termos de Boltansky e Thévenot (1991), próprio ao universo das Plataformas, ou uma espécie de “uberização da vida” nos termos de Rosenblat (2018). E, igualmente, se neste suposto “regime de conexões” emergem novos marcos para a educação sentimental e gestão de emoções.

A hipótese que orienta a nossa discussão neste artigo é que, com a suposta existência de um ambiente cultural no contexto histórico brasileiro recente, há o favorecimento da produção de novas e o reforço de antigas formas

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://rockcontent.com/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>> Acesso em: 29/01/2020

de polarização em públicos que se conectam nas e pelas Redes Sociais Digitais. Este processo se desenrolaria a partir de modos de gestão conflitantes de Repertórios Afetivos distintos entre dois grandes grupos de actantes: um mais alinhado ideologicamente ao discurso de Direita e outro afinado ao de Esquerda. No percurso que seguimos, inicialmente, versamos sobre as possibilidades de pesquisa em torno das emoções em ambientes digitais. Na sequência, levantamos elementos teóricos para a compreensão das possibilidades de Ação Conectiva na gestão de Repertórios Afetivos por Públicos em Rede no universo das Plataformas Digitais, assim como os indicadores de Polarização Política Internet, especialmente no Brasil.

As possibilidades de pesquisa em torno das emoções em Territórios Digitais

Por meio de dispositivos móveis, diversas peças de Mídia Nativa<sup>4</sup> como imagens, textos autorais e/ou de terceiros, são diariamente produzidas e publicadas online, especialmente diante de eventos significativos que geram comoção e engajamento generalizado nas Redes Sociais Digitais. Eventos como desastres naturais (enchentes, etc.) a ataques terroristas, reality shows e processos eleitorais costumam mobilizar densa carga afetiva nas conexões via internet. Nestes momentos, um conjunto de Entes Digitais são capazes de evidenciar emoções e sentimentos contraditórios e posicionamentos apaixonados. Vividas e avatarizadas (em hashtags, vídeos, emoticons, memes, etc.) nos territórios digitais, as emoções podem constituir objetos de pesquisa passíveis de circunscrição de diferentes maneiras.

Podem ser pensadas como indicadores políticos e/ou de mercado à medida que, por exemplo, uma vez rastreadas por Big Data, auxiliam no acompanhamento e compreensão de comportamentos em ciberambientes. Neste sentido, “o papel da análise de sentimento cresceu significativamente com a rápida difusão das redes sociais, microblogs e fóruns” (Malini; Ciarelli; Medeiros, 2017: 2).

Liu (2010) sinaliza que *“as opiniões expressas pela demonstração de sentimentos passaram a ser úteis para tomada de decisões, e isso não é só verdade para os indivíduos e organizações”*. Também vem sendo acionada por diversos pesquisadores a abordagem conhecida como *“análise de sentimento”*

---

<sup>4</sup> As produções midiáticas de grupos minoritários, desenvolvidas no e pelo Ciberespaço na definição de DI FELICE in: <[www.grupoatopos.blogspot.com](http://www.grupoatopos.blogspot.com) Acesso em 12/12/19>

(*sentiment analysis*) e seus diferentes sinônimos na literatura científica, dentre eles *opinion mining*, *opinion extraction*, *sentiment mining*, *subjectivity analysis*” (Malini, Ciarelli e Medeiros, 2017: 13).

*A detecção desses pode ser feita (1) por meio de sentimentos específicos, ou seja, identificação de sentimentos preestabelecidos para o corpora em questão, geralmente pensados de acordo com o tema coletado (por exemplo, analisar o medo em contextos de difusão de notícias sobre violência, ou o empoderamento em quadros de ativismo online); (2) os sentimentos genéricos, os quais também são preestabelecidos para análises comparativas, porém, se inserem no termo genérico, por se enquadrarem em qualquer corpora, e.g., alegria, raiva, medo, empoderamento, desgosto, surpresa, confiança, etc.; (3) polaridades, nas quais se pode perceber, por meio da soma de pontuações de palavras entre positivo e negativo, qual é a polaridade das frases, mensagens ou perfis analisados; e (4) emoticons e/ou emojis, os quais se dividem entre positivos e negativos, ou entre sentimentos genérico (Malini, Ciarelli, Medeiros, 2017: 13)*

Do ponto de vista da pesquisa qualitativa, encontramos trabalhos em que o investigador observa e participa diretamente das interações nas plataformas digitais. Rifiotis (2016, p. 94) por exemplo, compreende que, nos Ciberambientes, “o foco etnográfico deixa de ser os sujeitos humanos, como totalidades já dadas de antemão, e passa a ser a ação, os agenciamentos, incluindo-se todos os partícipes (actantes) que atuam no seu curso”.

No que toca aos marcos teórico-metodológicos que orientam este trabalho, em 2018, por ocasião do assassinato da parlamentar carioca Marielle Franco, empreendemos uma incursão empírica de caráter exploratório nos Facebook e Twitter, onde rastreamos as hashtags *#mariellepresente* e *#QuemMatouMarielle*. Na ocasião, nos interessava compreender quais “Repertórios Afetivos” eram mobilizados por meio das “Mídias Nativas” indexadas por estas hashtags. O trabalho analítico que desenvolvemos a partir deste material foi relatado em outra publicação. Entretanto, a partir dele, fomos estimulados a pensar sobre a gestão de diferentes regimes afetivos num contexto

de crescente contraposição de narrativas (Direita X Esquerda - Conservadores x Liberais - Lulista x Bolsonaroista) que já podia ser observado naquele momento no Brasil.

Neste artigo, não procedemos a análise de nenhum tipo de material empírico. Embora, em algum momento dados empíricos produzidos por nós e por terceiros tenham contribuído para a sua proposição, nosso objetivo aqui é refletir, numa perspectiva mais especulativa, a relação entre Repertórios Afetivos e as Polarização/Duplicidade Políticas nas interações na e pela Internet. Sendo assim, procuramos estabelecer o diálogo com autores que discutem os fenômenos em questão, sem a pretensão de esgotá-los, no intuito de contribuir para o debate mais amplo sobre emoções, política e internet.

Plataformas, Públicos em Rede e as possibilidades de Ação Conectiva

Para pensar a relação entre Repertórios Afetivos e as Polarização/Duplicidade Políticas nas interações na e pela Internet, é importante compreensão dos ambientes em que estes processos se desenrolam - as Plataformas Digitais - e das possibilidades de agências em seu interior – Ações Conectivas.

Do ponto de vista dos ambientes digitais, pensadas de forma mais ampla, as *“Plataformas são infraestruturas digitais que permitem a interação de dois ou mais grupos”* (SRNICEK, 2017). Atuam como intermediárias que agregam diferentes tipos de usuários: clientes, anunciantes, prestadores de serviços, produtores, fornecedores. Em geral, essas Plataformas disponibilizam uma série de ferramentas que permitem que seus usuários construam seus próprios produtos, serviços e mercados. (SRNICEK, 2017). As Plataformas também podem ser nomeadas, do ponto de vista do discurso econômico como a “economia gig”, a “economia compartilhada”, a “economia sob demanda”, a “próxima revolução industrial”, “exímia de vigilância”. (SRNICEK, 2017)

Para Van Dijck & Poell (2018), a Plataforma consiste na penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais em territórios digitais em diferentes setores econômicos e esferas da vida, assim como, a rearticulação de práticas e imaginações culturais. Assim, Van Dijck & Poell (2018) definem ainda as Plataformas como infraestruturas digitais (re) programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários

finais e complementadores, organizadas por meio da coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados.

Morozov (2018) sinaliza como uma das características mais marcantes das Plataformas Digitais, o seu regime de “regulação algorítmica” que é tomado como referência para o gerenciamento da vida, rebaixando as questões políticas, assumindo este modelo de regulação como o critério fundamental para a tomada de decisões, que geram impactos na Democracia.

Silveira (2019) pontua que as Plataformas emergem como o novo modelo de negócios. Elas se tornaram uma maneira eficiente de monopolizar, extrair, analisar e usar quantidades cada vez maiores de dados. Capitaneiam este modelo de negócios hoje os poderosos Google, Facebook e Amazon e startups dinâmicas como Uber e Airbnb. Estas emergem como:

*“Devoradoras de dados e, como se fossem ruminantes digitais, os entregam em amostras específicas para cada um dos anunciantes ávidos por obter, se possível em tempo real, um bom resultado em sua transação, seja ela a oferta de um táxi, a resposta à busca de um namorado ou namorada, o aluguel de um imóvel na praia ou a venda de um móvel antigo etc. O capitalismo de plataforma é um capitalismo de dados tratados por algoritmos.” (SILVEIRA, 2019, p. 294)*

As Plataformas Digitais constituem ambientes nos quais, dentre outras coisas, circula informação política. E, ainda que a natureza eminentemente corporativa delas possa modular e constranger determinados tipos de agência, a partir delas também são estabelecidas possibilidades de participação no jogo democrático (GOMES, 2005).

É possível identificar expressões de experiências da chamada esfera pública privada nas Plataformas Digitais? Scherer-Warren (2006) acreditam que sim. Que nelas, podem ser configuradas arenas a partir das quais, por exemplo, *“coletivos em redes e as redes de movimentos sociais também têm desempenhado um papel relevante enquanto atores de resistência e propositores de políticas sociais cidadãos”* (p. 222).

Para Lévy (2010), existe um chamado “domínio público digital” que, em certa medida, pode representar a possibilidade de tensionamento de governos, *“para mais transparência, abertura e diálogo”* (p. 14). Por sua vez, a já

mencionada natureza corporativa da Plataformas põe em cheque a ideia de que *"a esfera pública se caracteriza através de horizontes abertos, permeáveis e deslocáveis"*. (HABERMAS, 2003, 435).

Fuchs (2015) afirma que as Plataformas procedem a comoditização de dados por serem empresas de publicidade, e qualquer tipo de vigilância privada e estatal limita as liberdades liberais de pensamento, opinião, expressão, reunião e associação. Esses movimentos e grupos representariam a dialética negativa do esclarecimento do capitalismo informacional do século XXI.

Para Sparks (1998) as Plataformas Digitais são territórios onde emergem “comunidades” circunscritas além dos Estados-Nação, que podem fomentar uma “esfera pública global”. Uma espécie de “esfera imperialista, privada”, já que a esfera pública em domínios digitais, mais do que um espaço de circulação de informação, é controlada por lógicas corporativas.

Seja pela mídia tradicional ou a digital, a informação pública entra nas casas, e os negócios privados tornam-se públicos (FUCHS, 2015). Como afirma Scannel apud Fuchs (2015) “A transmissão criou um mundo público de pessoas públicas, estando diariamente disponível para populações inteiras. Mas, ao mesmo tempo, *“a transmissão, então, traz a vida pública para a vida privada, e a vida privada para a vida pública, por prazer e alegria e diversão, tanto quanto para a informação e para a educação”* (p.143).

*“A mídia social possibilita a convergência de três modos de socialidade (cognição, comunicação, cooperação) em uma forma integrada de socialidade. Isso significa, por exemplo, no Facebook, que uma pessoa cria um conteúdo multimídia, como um vídeo, no nível cognitivo; depois, publica-o para que outras pessoas possam comentar (o nível comunicativo), e permite que outros manipulem e mexam no conteúdo, para que o novo conteúdo com múltiplos autores possa surgir. Um passo não necessariamente leva ao próximo, mas a tecnologia tem o potencial de autorizar a combinação das três atividades em um único espaço.”* ( FUCHS & TROTTIER, 2016, p. 421)

Ainda explorando a ideia da formação do espaço público nas Plataforma Digitais, na perspectiva dos estudos culturais e de mídia, Livingstone (apud

Boyd, 2008) compreende que, no contexto da internet, público é sinônimo de “audiência”, um grupo limitado, que compartilha uma narrativa, seja uma visão de mundo ou uma performance. Ou seja, não existiria a expressão do público como experiência universal, e sim, a formação de públicos em torno de temas de interesse. Esta compreensão se aproxima da noção de “público em rede” apresentada por Mizuko Ito (2008) para “*referenciar um conjunto vinculado de desenvolvimentos sociais, culturais e tecnológicos que acompanham o crescente envolvimento com a mídia digital em rede*” (p. 2).

Partindo dessa ideia de “público em rede” de Ito (2008), Boyd (2008) afirma que a diferenciação entre “públicos em rede” de outros tipos de públicos se dá pela estrutura que os sustenta. As tecnologias digitais reconfiguram os fluxos de informações, assim como procedem a modulação das interações entre pessoas nas redes. A arquitetura dos públicos em rede é que os distingue dos públicos mais tradicionais e já conhecidos. As tecnologias em rede ampliam e complexificam os públicos em todas as suas formas.

A noção de “Públicos em Rede” de Ito (2008), conjugada à ideia de “Ação Conectiva” de Bennet & Sergeberb (2013) nos permite pensar que as Plataformas Digitais são territórios férteis de produção e intensificação de emoções. Os “públicos em rede” no nosso entendimento, empreendem “Ações Conectivas” e estas, diferem da lógica organizacional da ação coletiva (tradicional).

A Ação Conectiva consiste na “*capacidade de populações fragmentadas e individualizadas compartilharem conteúdos pessoalmente, transformando identidades coletivas e encontrando novas formas de mobilizar redes de protesto*” (BENNET & SERGEBER, 2013, p. 29). A Ação Conectiva é sempre mediada por redes digitais e por quadros de ação pessoal. Frequentemente são disseminadas de forma rápida e fomentam repertórios adaptáveis, favorecendo ao engajamento político pautado em escolhas afetivas e individuais.

*Esse processo comunicacional, que se dá por meio de compartilhamentos de textos, tuítes e vídeos em redes sociais, aumenta ainda mais a personalização, uma vez que as conexões digitais sempre passam entre amigos, família e pessoas de confiança. Esses quadros de ação pessoal, em geral, são mais fáceis de serem moldados e compartilhados entre as redes dos indivíduos. Na internet, esses quadros muitas vezes são*



*transformados em memes ou em frases viralizadas, que, pela natureza da sua criação e dinâmica da rede, se espalham de forma rápida. Nesse sentido, acreditamos que a luta política se tem passado muitas vezes pelas redes sociais on-line. (FERREIRA, 2016, P. 74)*

Podemos afirmar, procedendo a aproximação entre Ito (2008) e Bennet & Sergeberg (2013), a possibilidade de que públicos em rede”, na ambiência das Plataformas Digitais, por meio de agências conectadas, sejam capazes de transubstancializar as emoções produzidas em torno de acontecimentos significativos do cenário político (local ou global), entre agentes individuais e coletivos por meio da avatarização de afetos e humores. E que, à medida que os sujeitos interagem nas redes sociais digitais, reificam e questionam fronteiras, sentidos e posições na estrutura social. Em outras palavras, Repertórios Afetivos distintos são manejados e novas formas de corporificação de sentidos emergem nestes contextos. Para melhor compreendermos como a ação social é empreendida em ambientes digitais, passamos na seção seguinte ao escrutínio do que chamamos de “Repertórios Afetivos.

### Repertórios Afetivos e Plataformas Digitais

As interações entre sujeitos individuais e coletivos nas e pelas Plataformas, não obedecem ao protocolo da ação racionalmente orientada para a busca do consenso preconizada por Habermas (2003). São geralmente marcadas por agências com densa carga emocional e, dentre outras coisas, podem tender à polarização, sobretudo diante de eventos significativos. Poderíamos afirmar que diferentes Regimes de Ação Conectiva se perfazem nas esferas digitais. Dentre eles, podemos identificar regimes articulados em torno, por exemplo, de lógicas algorítmicas, corporativas, identitárias, publicitárias, etc. Nos interessa neste trabalho o acercamento do que consideramos consistir em um Regime Orientado por Afetos e em Repertórios Afetivos que mobilizam, sobretudo, como nos conectamos, enquanto cidadãos, com as experiências de engajamento político.

As Plataformas constituem territórios de manifestação e intensificação de emoções que são operadas com base em diferentes Regimes de Afetos. Estes se estabelecem por meio do agenciamento e da negociação entre atores individuais e coletivos, a partir de repertórios culturais diversos. As emoções

manifestas diante de eventos significativos dos cenários políticos local e/ou global, hoje são profundamente marcadas pelas conexões. Afetos avatarizados nas interações digitais, desafiam fronteiras, significados e posições na estrutura social. A análise da movimentação politicamente orientada dos Públicos em Rede passa necessariamente pela compreensão das ações políticas conectivas e dos Regimes de Afetos que estas atualizam.

Para pensarmos o que aqui chamamos “Repertórios Afetivos”, é instrutivo retornar à noção de gramática. De forma geral, a abordagem gramatical dos fenômenos culturais passa uma "representação organizada" dos fatos, revelando uma lógica capaz de integrá-los de maneira inteligível, estabelecendo seus traços pertinentes e os "esquemas generativos cuja organização define um modelo de competência"(BOLTANSKI, 2004). A noção de gramática na análise de comportamentos coletivos normalmente é acionada no intento de evitação do relativismo, *“pois as regras que compõem uma gramática, muito embora apenas se atualizem nas situações particulares, são a elas irredutíveis no sentido em que não são refeitas ex nihilo a todo momento”* (CORRÊA & DIAS, 2016, p. 75).

Na fuga dos modelos interpretativos de ação social que não dão conta dos modos de agregação próprios às Plataformas Digitais, entrevemos na Teoria da Justificação de Boltansky e Thévenot (1991) uma base razoável para a reflexão em torno do que seriam e como operam os Repertórios Afetivos. Procurando evitar o relativismo dos valores, os autores formulam o modelo das *Cités*. O modelo é fundado na hipótese da existência de *“uma pluralidade limitada de ordens normativas hegemônicas capazes de compor uma metafísica política que permite aos indivíduos convergirem na direção de um acordo justo e de caráter universalista”* (CORRÊA & DIAS, 2016, p. 75).

Ainda que não acatemos plenamente a ideia de que existam ordens simbólicas homogêneas e universais orientando as ações dos sujeitos e que justo seja mais microdeterminado do que indicam, o que nos atrai na proposta da “Teoria das *Cités*” de Boltansky e Thévenot é aquilo que descreve Honnet (2010): o reconhecimento dos dois autores de que os atores geralmente coordenam seus planos de ação usando sua competência, recorrendo a concepções morais que justifiquem as suas agências. E, sobretudo pelo imperativo de que estes sujeitos devem ser reconhecidos como agentes proativos, com capacidade de autodeterminação, pois por iniciativa própria, recorrem a diferentes concepções de ordem social para a gestão de seus projetos de ação individuais.

Sendo assim, na situação em que os modelos morais entram em risco, quando o curso de condutas padrão cotidiano é interrompido, os sujeitos, “Enfrentam então, como John Dewey ou George H. Mead teriam formulado, o requisito funcional de reavaliar suas suposições, que antes assumiam como válidas, a fim de ajustá-las intelectualmente às condições modificadas” (HONNET, 2010, Pp. 20).

No entendimento de Boltansky & Thévenot, a vida social é marcada pela “demanda de justificação” por parte dos sujeitos, no curso de suas ações, que os auxiliam, frente a crises sempre recorrentes, a divulgação e defesa de suas concepções de ordem (HONNET, 2010).

*Tais pontos de justificação discursiva representam o aspecto reflexivo da reprodução social através do qual o que foi previamente dado implicitamente pelo fluxo rotineiro de interações no mundo da vida é explicado. Os participantes comunicativos são agora forçados a oferecer argumentos e razões pelas quais gostariam que o aspecto do mundo da vida que se tornou problemático fosse regulado por um e não por outro modelo de ordem, razão pela qual o problema de coordenação em questão só pode ser resolvido da forma que eles preferem. (HONNET, 2010, p. 380)*

Diferentemente de Boltansky & Thévenot, que têm as suas análises ancoradas em empiria própria às chamadas Democracias do Ocidente, não trabalhamos com os pressupostos de macroestruturas na análise que propomos neste artigo. Recorremos às noções de “Justificação” e à “Teoria das Cités” como um ponto de partida para tratar do que entendemos como “Repertórios Afetivos”, especialmente no que diz respeito ao papel que exerce como quadro de referência na ordenação de agências individuais e coletivas.

Os Repertórios Afetivos consistem no conjunto de sentidos e significações desenvolvido por diferentes agrupamentos que são corporificados e tangibilizados em estados emocionais e humorais. Eles são heterogêneos, dinâmicos e erráticos em suas trajetórias. Funcionam como o arsenal de sentidos emocionais, incorporados pelos sujeitos num processo constante de educação sentimental e compartilhado em diferentes escalas por determinados segmentos sociais. Em certa medida, os Repertórios Afetivos são os quadros de sentido que

ancoram e “justificam” as agências afetivas dos sujeitos. É a “razão” afetiva que legitima certas expressões humorais e emocionais numa coletividade imediata.

Do ponto de vista da discussão mais ampla que propomos neste artigo, trabalhamos com a hipótese de que, nas interações online, à medida que Repertórios Afetivos contraditórios são mobilizados por usuários apoiadores e opositores de determinado evento, causa e/ou discurso podem emergir diversas formas de polarização política. E que estão intimamente ligadas a movimentações próprias dentro de um complexo “circuito de afetos” (categoria que exploraremos mais adiante).

Entretanto, antes de passarmos à reflexão da polarização política à luz dos circuitos e repertórios de afetos, retomamos as possíveis conceituações na gramática política mais ampla e as possíveis acepções que podem tomar quando pensadas no universo das interações digitais, especialmente no contexto brasileiro.

## Polarização Política

Carothers & O’Donohue em “Democracies Divided: The Global Challenge of Political Polarization.” (2019) indicam que à primeira vista, a vida política de um país é polarizada na medida em que as forças políticas em disputa divergem em suas concepções e ações, não compartilhando um terreno comum significativo.

Para Mouffe (2005), se quisermos discutir seriamente a Polarização, é fundamental recorrer à genealogia histórica da divisão social e política (e das articulações entre elas), pensando-as como parte da socialidade humana. Especialmente se consideramos que divisões no tecido social são inevitáveis e o desafio político essencial no qual toda sociedade precisa se empenhar é o desenvolvimento de recursos para os equilíbrios institucionais. E que, neste processo, performances e jogos complexos de linguagem manifestam-se de forma agonística.

Yannis Stavrakakis (2018), retomando estudos clássicos para pensar a Polarização, sinaliza que Lévi-Strauss, a partir da investigação etnográfica junto a dois segmentos sociais, descreve a estrutura social de Winnebago como dividida em duas partes (wangeregi, ou “aqueles que estão acima” e manegi, ou “aqueles que estão na terra”). Prossegue Stavrakakis na descrição da análise etnográfica de Lévi-Strauss (2018):

*o que é interessante é que, quando solicitados a desenharem o arranjo espacial de sua aldeia, os membros dos dois subgrupos diferentes produziram ilustrações muito diferentes: Ambos percebem a vila como um círculo, mas para um subgrupo há dentro desse círculo outro círculo de casas centrais, de modo que temos dois círculos concêntricos; enquanto para o outro subgrupo o círculo é dividido em dois por uma linha divisória clara. (Zizek em Butler, Laclau e Zizek, 2000, p. 112). A divisão social e suas representações antitéticas (políticas) parecem revelar, neste exemplo, as sementes da polarização que operam ao longo da história. Em nossa trajetória ocidental, significantes como "os que estão abaixo", os "demos", os "plebeus" e "as pessoas" (STAVRAKAKIS, 2019, p.47).*

Ainda numa perspectiva dos estudos clássicos, a visão de Carl Schmitt da política, que pressupõe a discriminação amigo/inimigo, é invocada por Mouffe (2005). Mouffe afirma que, Schmitt teria enfatizado insistentemente a *differentia specifica* do político como a discriminação amigo/inimigo. Mas, tal discriminação se daria de forma eminentemente política, não fundada na economia ou na ética. “*O inimigo nunca deveria ser o inimigo “pessoal” - o que em latim é chamado de inimicus, - mas o inimigo “público”*” (p. 246).

Para Schmitt, o mundo político é um pluriverso, não um universo. Assim, é ilusória a ideia de que os fins da política são estabelecer consenso em torno de um único modelo. Questionando o padrão de Democracia do mundo ocidental, Mouffe (2005) ainda afirma que “*o problema central que nosso mundo unipolar atual está enfrentando é que é impossível que os antagonismos encontrem formas legítimas de expressão.*” (p. 250).

Entretanto, o processo de polarização, afirma Stavrakakis (2018) apoiado em McCoy e Murat Somer, embora não estranho às democracias, mesmo as pensadas dentro do modelo racional moderno, acachapa a complexidade da política e das relações sociais. E faz isso “*alinhandos divisões não relacionadas, emasculando divisões transversais e dividindo a sociedade e a política em dois blocos separados, opostos e inflexíveis*” (p. 51).

A questão é que, na Era Digital ou nas Sociedades de Informação (CASTELLS, 2000), novas formas de expressão do político vêm sendo gestadas. E, em muitos aspectos, as formas clássicas de circunscrição do fenômeno Polarização Política podem não dar conta dos contornos que ela toma quando experienciada em agências eminentemente conectadas. Procuramos desenvolver este ponto a seguir, pensando a Polarização Política em contextos digitais, partindo da experiência brasileira.

## Internet e Polarização no Brasil

É possível observar a tendência à polarização para além da Internet em diferentes países, Hunter (1992) em “Culture Wars: The Struggle to Define America” usa o termo “guerras culturais” para designar a exploração de temáticas polêmicas como aborto, direitos LGBT e controle de armas para a reconfiguração do debate político, substituindo as pautas tradicionais e contribuindo fortemente para processos de confrontos bilateralizados.

Em 2017, Ortellado & Ribeiro (2018) iniciaram um trabalho de rastreamento do comportamento online de usuários do Facebook nos EUA e na Argentina e, segundo eles, nestes países “os usuários de direita e de esquerda do Facebook existem em universos totalmente diferentes, não apenas em termos dos políticos que apoiam, mas também em seus interesses sociais”.<sup>5</sup>

O Relatório de Notícias Digitais 2019 (Digital News Report) construído pelo Instituto Reuters em parceria com a Oxford University, sobre o mercado jornalístico e as práticas de consumo de notícias online, a partir de entrevistas com leitores de 38 países, identificou que “a radicalização da disputa política e a disseminação de desinformação podem ser notadas em função da preocupação com a veracidade da notícia, que aparece em 85% dos relatos no Brasil, 70% no Reino Unido e 67% nos EUA”.<sup>6</sup>

Bartlett (2018) entende que o crescimento da presença de grupos radicais na internet se deve ao fato destes estarem fora dos jornais e do *mainstream*. “Todos nós nos tornamos mais radicais” [...] pulamos de um assunto para outro

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-06/polarizacao-politica-e-fake-news-impactam-confianca-no-jornalismo>>. Acesso em 18/01/2020.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/03/31/As-redes-sociais-e-a-internet-s%C3%A3o-mesmo-as-principais-culpadas-pela-polariza%C3%A7%C3%A3o-pol%C3%ADtica>> Acesso em 23/01/2020.

*e somos apresentados a mais e mais conteúdos apelativos e sensacionalistas para manter nosso vício nas redes”*. (2018, p. 40) Um dos desdobramentos disso seria a constante exposição a argumentos emocionais radicais, xingamentos e embates inflamados nas Redes Sociais Digitais.

Em uma direção diferente dos autores já mencionados, economistas da Universidade de Brown (USA), analisando o processo de polarização política nos EUA em 2016 e 2017, indicam que o seu crescimento naquele país é mais intenso em grupos demográficos que acessam menos a internet e as redes sociais digitais.

*“A pesquisa partiu da percepção cada vez mais comum de que as redes sociais e as fontes de notícias on-line formam caixas de reverberação de opiniões políticas. É a ideia do filtro-bolha, e do viés de confirmação - um viés cognitivo cujo efeito é chamar nossa atenção e aprovação para notícias e opiniões que reforcem nossas crenças pré-existentes. Essa tendência das pessoas a ler só o que confirma opiniões prévias geraria uma predisposição a negar opiniões divergentes e eliminaria a possibilidade de debate equilibrado”*.<sup>7</sup>

Ou seja, em suas palavras: *“nossos achados vão contra a hipótese de que a internet em geral e as mídias sociais em particular são os principais agentes da crescente onda de polarização”*.<sup>8</sup>

No que toca à Polarização e Internet no Brasil, Ortellado & Ribeiro (2018) rastreando páginas políticas no Facebook em 2013, identificaram a partir de perfis de brasileiros com interesses políticos seis “comunidades de usuários” com base nos tipos de páginas que visitavam: (1) políticos e partidos conservadores; (2) políticos e partidos de esquerda; (3) grupos anticrime de linha dura; (4) campanhas anticorrupção; (5) movimentos sociais progressistas; e (6) direitos humanos e ambientalismo. Dando prosseguimento à pesquisa, observaram a intensificação da tendência à polarização política entre 2014 e

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-06/polarizacao-politica-e-fake-news-impactam-confianca-no-jornalismo>>. Acesso em 18/01/2020.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/03/31/As-redes-sociais-e-a-internet-s%C3%A3o-mesmo-as-principais-culpadas-pela-polariza%C3%A7%C3%A3o-pol%C3%ADtica> Acesso em 18/02/2020.

2016. “*Vimos usuários que antes compreendiam seis comunidades de interesse visivelmente distintas se separarem em apenas dois grupos com pouca sobreposição entre si: progressistas e conservadores.*”<sup>9</sup> Com o impeachment em agosto de 2016 da presidenta Dilma Rousseff, as pesquisas mostram que a polarização no Brasil aumentou.

No que toca à existência de um processo de polarização política no Brasil que se desenrolaria de forma privilegiada nos ciberterritórios, alguns autores refutam completa ou parcialmente a ideia. E o fazem levantando questões que tocam à própria natureza de fenômenos como Polarização, Populismo e Agências de Extrema Direita.

Cas Mudde (2019) em sua reflexão mais ampla, mas que pode nos ajudar a pensar a dinâmica das Redes Sociais Digitais, acerca da relação entre polarização política e populismo, entende que “*a maior parte dos grandes partidos tem poucas narrativas ideológicas hoje em dia. É o que se chama política TINA [“There is no alternative”, não há alternativa]*”. O que favorece a emergência de discursos da Extrema Direita e acentua processos de Polarização. A Extrema Direita, em processos de Polarização Política, normalmente seria configurada conforme contextos políticos nacionais. No Brasil, a peculiaridade estaria no investimento das atuais forças no poder no discurso moral. Nas palavras do próprio Mudde: “*Bolsonaro tem um discurso religioso forte, especialmente devido ao papel dos evangélicos, que explica seu foco na degeneração moral*”.<sup>10</sup> Além do foco numa moralidade de fundo religioso, as forças à direita representadas por Bolsonaro,

*“... se encaixam no contexto de guerra cultural. Opiniões como as de Bolsonaro sobre questões de gênero e direitos LGBTQ são fundamentais para muitos políticos de extrema direita, especialmente os de fora da Europa ocidental. É parte de uma narrativa nacionalista, como se eles estivessem defendendo o Brasil verdadeiro contra essas ideias perversas que vêm do exterior para enfraquecer a nação. E elas ressoam com muita força em esferas conservadoras e religiosas, como se seus valores estivessem sendo desafiados*

---

<sup>9</sup> Disponível em: < <https://www.dw.com/pt-br/partido-de-bolsonaro-pode-revelar-apoio-menor-que-esperado/a-51355745>. Acesso em 20/01/2020.

<sup>10</sup> Disponível em: < <https://www.dw.com/pt-br/partido-de-bolsonaro-pode-revelar-apoio-menor-que-esperado/a-51355745>. Acesso em 20/01/2020.



*por um ataque global [...] Bolsonaro trabalha muito com seus familiares e é rude de uma forma que atrai as pessoas. Por outro lado, há um aspecto típico de Bolsonaro que é o seu passado militar, e como isso se relaciona com a ditadura militar. Isso não é comparável com outros países como os Estados Unidos e a França, e tem um papel importante tanto para atrair apoiadores como despertar o medo de oponentes”.*<sup>11</sup>

Seguindo o mesmo *thread* de Mudde (2019), Safatle (2020)<sup>12</sup> chama a atenção para a Duplicidade Política vivida hoje no Brasil, onde a figura do “*Bolsonaro atua como uma versão militarizada de seu oposito, a saber, Lula*”. O que não permitiria pensar que o Brasil estaria vivendo a Polarização. Que o investimento discursivo do Partido do Trabalhadores (PT), que se concentra na afirmação da existência da Polarização ideológica e partidária no cenário político brasileiro recente, é nocivo e inconsequente. E que, “*ao contrário, trata-se de dizer que tudo foi feito para anular a polaridade real, criando um duplo imaginário*”. Segue indicando que para a compreensão do retorno a discursos fascistas é preciso ter em conta estas “*lógicas dos duplos políticos. Pois, se há algo que nos falta é exatamente polaridade. Temos pouca polaridade e muita duplicidade*”.

Segundo Mignozzetti & Spektor (2019), diferentemente das Polarizações Partidárias e de cunho Ideológico, é possível verificar um forte componente afetivo na construção da narrativa da parte mais à Direita na polarização brasileira recente. Eles classificam como “*Afetiva de Massa*” a forma que a Polarização tomou no Brasil a partir das Jornadas de Junho de 2013. O processo eleitoral de 2018, em sua compreensão, “*causou níveis de polarização afetiva em massa, mas essa raiva social não se traduziu em*

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-02-10/como-a-esquerda-brasileira-morreu.html>> Acesso em 20/12/2019.

<sup>12</sup> “Os níveis de polarização afetiva em massa no Brasil aumentaram, mais do que triplicando entre 2014 e 2018. De fato, em 2018, o Brasil exibiu níveis mais altos de polarização afetiva em massa do que a Turquia em 2011 ou qualquer outro país do país. dados fornecidos por Alban Lauka, Jennifer McCoy e Rengin Firat) In : MIGNOZZETTI, U. SPEKTOR, M. Brazil: When Political Oligarchies Limit Polarization but Fuel Populism”. In: Thomas Carothers & Andrew O’Donohue (Eds). **Democracies Divided: The Global Challenge of Political Polarization**. Washington DC: Brookings Institution Press, 2019, p. 228-254.

<sup>11</sup> Disponível em: < <https://www.dw.com/pt-br/partido-de-bolsonaro-pode-revelar-apoio-menor-que-esperado/a-51355745>. Acesso em 20/01/2020.

*crecente partidarismo em grande medida*” (p. 249). Não estaríamos vivendo um tipo de Polarização Partidária ou Ideológica, mas o crescente sentimento *antiestablishmentism* é que tem impulsionado a recente revolta política do Brasil.<sup>13</sup>

Apontando o WhatsApp como a principal Plataforma de mobilização política entre os brasileiros, os autores acreditam que *“a divisão e a Polarização on-line não viajam tão facilmente por um sistema de mensagens privadas quanto por Plataformas mais amplas de mídia social baseadas em redes e conexões”*. (MIGNOZZETTI & SPECTOR, 2019, p. 242).

No que diz respeito a tendência à Polarização na circulação de informações em Plataformas como o WhatsApp e o Telegram, muito ainda precisa ser desvendado por meio de pesquisas empíricas, sobretudo etnográficas, para se avance nesta discussão. Pesquisas como as de Cesarino (2018) e Bruno & Evangelista (2018) que tomam o Whatsapp como campo de investigação, sustentam que não é possível pensar em interações politicamente orientadas nos grupos formados em seu interior sem considerar fenômenos como as Fake News e os Filtros Bolhas.

Cesarino (2018) afirma que os Filtros Bolhas podem ser *“gerados de modo mais ou menos ‘espontâneo’ através dos algoritmos e padrões de uso correntes das mídias digitais”*, mas, no que toca ao que chama de Bolsoesfera<sup>14</sup>, há em operação *“uma mídia fractalizada, onde os próprios usuários incorporam o mecanismo populista e passam a (re)produzir seus padrões discursivos e de conteúdo digital”*.

Como ela observou no nicho bolsonarista, é possível notar nos termos de Douglas (1966), que a fiscalização mútua e permanente dos discursos entre os membros visa identificar o ‘impuro’ com o perigo que ameaça a integridade do grupo. (CESARINO, 2018). Bem como, *“a relação com o “outro” não é de um diálogo racional com um adversário legítimo, mas, uma relação afetiva,*

---

<sup>14</sup> “A bolsoesfera não é, portanto, apenas um veículo de comunicação entre povo e líder entendidos enquanto emissor e receptor dados de antemão. Este aparato digital é o sistema líder-povo; tanto líder quanto povo só existem em e através dessa infraestrutura midiática.” In: CESARINO, Letícia. (2018) Populismo digital: roteiro inicial para um conceito, a partir de um estudo de caso da campanha eleitoral de 2018. Disponível em: <[https://www.academia.edu/38061666/Populismo\\_digital\\_roteiro\\_inicial\\_para\\_um\\_conceito\\_a\\_partir\\_de\\_um\\_estudo\\_de\\_caso\\_da\\_campanha\\_eleitoral\\_de\\_2018](https://www.academia.edu/38061666/Populismo_digital_roteiro_inicial_para_um_conceito_a_partir_de_um_estudo_de_caso_da_campanha_eleitoral_de_2018)>. Acesso em 02/12/2020.

*emocional e incorporada de repulsa, nojo e animosidade com relação a um inimigo que deve ser eliminado”.*

Bruno & Evangelista (2018) encontraram no WhatsApp grupos, constituídos a partir da segmentação por interesses. Segmentação que foi determinante para a radicalização política observada nas Eleições Presidenciais brasileiras de 2018. *“Essa é uma das hipóteses que nós temos. A de que houve um processo de radicalização e que ele tem a ver com a existência de desinformação direcionada para certos grupos”.* O que reforça a tese de Cesarino (2018) de que há sim expressões da Polarização no WhatsApp, se considerarmos a retroalimentação que este faz dos chamados Filtros Bolhas.

Assim, nos parece que, entre os pesquisadores que concentraram suas investidas empíricas em grupos do WhatsApp, a desinformação e a formação de Filtros Bolhas atuam ainda que indiretamente na construção de tendências à Polarização Política no contexto brasileiro. Se não é tão fácil identificar linhas de polaridade em redes de troca pessoais diretas criptografadas, observando na perspectiva de cada Bolha, seria possível reconhecer padrões que contribuem para a formação de contextos de Polarização Política.

Seja negando ou afirmando a existência de um processo de polarização política em curso no Brasil hoje, desenhado sobretudo a partir das conexões digitais, os autores com os quais trabalhamos nesta seção, em alguma medida, identificam a existência de um amplo movimento de tensão no debate público hoje no país. Mais do que atribuir nomenclaturas ou encapsular os eventos em categorias analíticas, é importante, na nossa compreensão, intensificar e ampliar a discussão, sobretudo, considerando a peculiaridade que toma quando analisada do ponto de vista das interações em redes sociais digitais. O que procuramos fazer na sequência.

Conexões, repertórios afetivos, “polarização afetiva” e duplicidades políticas

Para pensarmos a gestão das emoções e os acionamentos diversos dos Repertórios Afetivos nas Ações Conectivas, é importante entender quais tipos de interações são fomentadas nas Plataformas Digitais. Por sua vez, frente à complexidade do espaço de interação próprio às Plataformas Digitais é necessária a discussão da noção de Público no que toca às suas possíveis expressões em mundos digitais. Assim, retomamos o conceito de “Público em

Rede” de Ito (2008) e o papel desempenhado pelas tecnologias em sua configuração (BOYD, 2008).

O entendimento de “Públicos em Rede” de Ito (2008) nos leva a crer que as Plataformas Digitais se apresentam como ambientes privilegiados para a produção e intensificação de emoções, que podem ser operadas com base em racionalidades distintas, por meio do agenciamento e da negociação entre atores individuais e coletivos, a partir de repertórios culturais diversos. (PAVESI & VALENTIN, 2020, no prelo)

Podemos considerar que a heterogeneidade dos Públicos em Rede está intimamente relacionada à diversidade de Repertórios Afetivos por eles acionados. Safatle (2016) afirma que *“sociedades são, em seu nível mais fundamental, Circuitos de Afetos”*. (p. 46). Que não existe a possibilidade da *“adesão tácita a sistemas de normas que produz a coesão social”* (p. 47), que os Circuitos de Afetos é que cumprem efetivamente esse papel.

*“Os ‘Circuitos de Afetos’ é que amalgamam a vida social, nos fazem assumir certas possibilidades de vida a despeito de outras [...] se fundamentam em afetos específicos, ou seja, elas precisam de tais afetos para continuar a se repetir, a impor seus modos de ordenamento definindo, com isso, o campo dos possíveis. Há uma adesão social construída através das afecções. Nesse sentido, quando sociedades se transformam, abrindo-se à produção de formas singulares de vida, os afetos começam a circular de outra forma, a agenciar-se de maneira a produzir outros objetos e efeitos. Uma sociedade que desaba são também sentimentos que desaparecem e afetos inauditos que nascem. Por isso, quando uma sociedade desaba, leva consigo os sujeitos que ela mesma criou para reproduzir sentimentos e sofrimentos. (SAFATLE, 2016, p. 48)*

Safatle afirma, ainda, que os afetos são sempre corporificados. Estes processos de corporificação podem ser materiais ou simbólicos. A partir disso, é possível

pensar os processos de avatarização de emoções nas malhas digitais como uma das formas possíveis de corporificação (neste caso em entes digitais) de afetos.

*“Não há política sem alguma forma de incorporação. Não há política sem a encarnação, em alguma região e momentos precisos, da existência da vida social em seu conjunto de relações. Pois é tal encarnação que afeta os sujeitos que compõem o corpo político, criando e sustentando vínculos. Encarnação que pode se dar sob a figura do líder, da organização política, da classe, da ideia diretiva, dos vínculos a certos arranjos institucionais, da lavadeira; mas que deve se dar de alguma forma. Ignorar esse ponto é um dos maiores erros de várias formas de teoria da democracia. Uma encarnação não é necessariamente uma representação, mas um dispositivo de expressão de afetos. Sendo assim, podemos pensar a política a partir da maneira como afetos determinados produzem modos específicos de encarnação. Nem todas as corporeidades são idênticas; algumas são unidades imaginárias, outras são articulações simbólicas, outras são dissociações reais.*

Desta maneira, na e pela internet, o “corpo político”, na tessitura e sustentação da coesão social, opera a partir de regimes de afecção. “Há certas afecções orgânicas, e não “deliberações racionais”, que nos fazem agir socialmente de determinada forma”.

Os Repertórios Afetivos são quadros mais ou menos estabilizados, embora sempre em movimento. As afecções aludidas por Safatle (2016) no fluxo do “Circuito dos Afetos” são parcialmente “ordenadas” a partir deles (dos Repertórios Afetivos). Por sua vez, ajudam a configurar o regime algorítmico das Plataformas e, ao mesmo tempo, são modulados pela arquitetura delas. Neste sentido, como Azevedo (2020)<sup>15</sup> indica que os “discursos de ódio não são um mero efeito colateral das redes sociais: eles são produtos diretos do modelo de negócio das empresas que fazem fortunas colonizando o tempo e a atenção dos usuários”. O que nos leva a crer que as “*Plataformas lucram com o mal-*

---

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://universoracionalista.org/haters-sao-produtos-diretos-do-modelo-de-negocio-das-redes-sociais-aprenda-a-se->>. Acesso em 20/02/2020.

*estar que os haters nos provocam. [...] Todo analista de redes sociais sabe disso: indignação gera engajamento.”*

A “indignação” mencionada por Azevedo (2020) sinaliza o tensionamento e o risco a que os Repertórios Afetivos estão sendo expostos cotidianamente. A “estrutura” posta em risco, pode ser reafirmada ou rearranjada. Diante deste risco, devemos nos indagar: quais categorias “nativas” emergem neste processo? Quais são transpostas? Quais são reafirmadas? Ou, nos termos de Safatle (2016), “*faz-se necessário perguntar qual corporeidade social pode ser produzida por um Circuito de Afetos modulados por ações conectivas em seu curso*” (p. 45).

De maneira mais localizada, poderíamos afirmar que, na hipótese de que estejamos vivendo no Brasil um crescente movimento de Polarização Política, este seria causa e/ou efeito direto do processo de rearranjo de Repertórios Afetivos? Existem formas de corporificação de afetos e justificação de agências pró-Polarização próprias ao ambiente das Plataformas Digitais?

Como vimos anteriormente, Mignozzetti & Spektor (2019) consideram que vivemos sim um tipo de “Polarização Afetiva” hoje no Brasil. Traduzido muito mais na gestão dos afetos entre pares unidos por laços fortes (GRANOVETTER, 1973), que no embate por engajamento ideológico. Nesta Polarização Afetiva, há um circuito de afetos complexo sendo processado e corporificado em entes digitais expressivos (avatars de emoções). Neste processo, podemos identificar Repertórios Afetivos sendo acionados, testados, radicalizados e ou tendo parte de suas categorias nativas suprimidas.

Outra chave de interpretação que, para a questão posta anteriormente, é colocada por Safatle (2020)<sup>16</sup>, em seu entendimento de que não há Polarização Política no Brasil hoje, e que a polaridade real corporifica-se nas “lógicas dos duplos políticos”, onde duas formas de populismo antagônicas em conteúdo e muito parecidas na forma (Lulismo x Bolsonarismo) concorrem. Neste caso, não teríamos um tipo de Polaridade com base em afetos e sim muita duplicidade operando na tessitura do corpo político. E nesta tessitura do corpo político, os regimes de afeto são agentes poderosos e determinantes.

Polaridade Afetiva ou Duplicidade Política, entretanto, são produtoras e ao mesmo tempo resultados das negociações individuais e coletivas com Repertórios Afetivos diferentes. De forma que, numa situação de confronto, os

---

<sup>16</sup> Disponível em: < <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-02-10/como-a-esquerda-brasileira-morreu.html> > Acesso em 15/10/2020.

mesmos sentimentos podem ser experienciados por dois lados diferentes em disputa, mobilizando Repertórios Afetivos e sentidos culturais completamente distintos. Algo próximo ao encontro entre ingleses e chineses no século XIX relatada por Sahlins (2007). Neste, tanto chineses, quanto ingleses trocavam presentes cujo mesmo conteúdo era interpretado a partir de Cosmologias completamente diferentes, em muitos sentidos até mesmo opostas.

Dentre as consequências que embates a partir do ordenamento de experiências por meio de Repertórios Afetivos diferentes, ora para um lado, ou para o outro, estão as eventuais rupturas e fissuras nas categorias simbólicas. Estas, podem abrir espaço para o que Mudde (2019) chamou de TINA [*"There is no alternative"*, não há alternativa]”, que podem criar solo para emergência de discursos extremistas.

Do ponto de vista da existência de regimes de Justificação próprios ao universo das Plataformas, desdobrados ou não em agências extremistas, a ação conectiva de públicos em rede possibilitada pelas Mídias Sociais Digitais, é modulada por políticas das empresas/plataformas que, mais do que tolerar, precisam estimular toda e qualquer tipo de manifestação de carga emocional exacerbada. Além da lógica corporativa, também são ordenadas por ânimos, humores e emoções com sentidos culturais particulares. Sendo assim, em vários momentos podemos identificar elementos que insinuam, sim, a possibilidade de um processo em curso de constituição de modos próprios de validação da vida social em ambientes digitais. Um novo regime de Justificação pode estar sendo formulado e não pode ser reduzido à repetição histórica de modos de reificação única e exclusivamente do Capitalismo.

No que toca à hipótese da Polarização Política, talvez, as categorias que dispomos historicamente para a sua compreensão podem não dar conta dos efeitos que as TIC's vêm gerando para a vida social. O que podemos afirmar neste momento é que, sim, vivemos no Brasil hoje, no mínimo, a tensão entre duas esferas em que orbitam regimes afetivos distintos, encubados no espectro de narrativas concorrentes, alinhadas à Esquerda (representadas na figura do ex-presidente Lula e/ou no “antipetismo e à Direita) e à Direita (mitificadas na figura do atual presidente Bolsonaro) respectivamente.

## Considerações finais

A consciência da desordem vem das sensações de rupturas inéditas e imprevisíveis na sua própria cidade, onde as pessoas empreendem mil maneiras de se proteger, constroem muros e grades em torno de suas casas (...) quando é recomendado evitar circular em certos locais, em determinados horários: o deslocamento solitário (ECKERT, ROCHA: 2008, 77)

As Ações Conectivas empreendidas por Públicos em Rede nos ambientes das Plataformas Digitais são moduladas não apenas por lógicas algorítmicas. São, em grande medida, desenhadas por meio de um circuito de afetos, onde complexos encontros de repertórios afetivos geram granulações e estrias no corpo político. Uma das manifestações coletivas possíveis, e não a única e mais potente destes encontros quando configurados de forma conflituosa, é a tendência à Polarização Política.

O reconhecimento da existência de agentes políticos mais que humanos (Avatares) operados a partir de núcleos irascíveis de ação e a pertinência e legitimidade de uma “esfera relativamente pública digital”, permite-nos compreender, de forma mais ampla, a complexidade da ação em contextos históricos em que as TIC’s participam como sujeitos. Acompanhar Mídias Nativas, hashtags e outros Entes Digitais, nos momentos de vulnerabilidade do aparato coletivo, é uma boa estratégia para compreender a vida social a partir de cotidianidades, das microrrelações. Em outras palavras, Afetos em Redes Digitais são bons para pensar a sociedade.

## Referências

- BARTLETT. **The people vs tech**: How the internet is killing democracy and how we save it Londres: Ebury Press, 2018
- BENNETT, W. Lance and SEGERBERG, Alexandra. **The Logic of Connective Action**: Digital Media and the personalization of Contentious Politics. Cambridge. New York, 2013.
- BOYD, D. 2010. “Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications”. In: PAPACHARISSI, Zizi (ed.). **Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites**. Routledge, pp. 39-58.
- \_\_\_\_\_. **Taken out of context**: American teen sociality in networked publics. PhD Dissertation. 2008 University of California, Berkley..



BOLTANSKI, Luc. **La condition foetale**. Paris: Gallimard, 2004.

\_\_\_\_\_ & THÉVENOT, Laurent. **De la justification**: les économies de la grandeur. Paris: Éditions Gallimard, 1991.

BOLTANSKI, L. THÉVENOT, Laurent. 1991. **De la justification**: Les économies de la grandeur. Paris: Éditions Gallimard.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. In: A Sociedade em rede. São Paulo : Paz e Terra, 2000. v. 1.

CAROTHERS, Thomas. O'DONOHUE, Andrew. **Democracies Divided**: The Global Challenge of Political Polarization. Brookings Institution Press, 2019. JSTOR, [www.jstor.org/stable/10.7864/j.ctvbd8j2p](http://www.jstor.org/stable/10.7864/j.ctvbd8j2p). Accessed 18 Mar. 2020.

CESARINO, Letícia. (2018) **Populismo digital**: roteiro inicial para um conceito, a partir de um estudo de caso da campanha eleitoral de 2018. Disponível em: [https://www.academia.edu/38061666/Populismo\\_digital\\_roteiro\\_inicial\\_para\\_um\\_conceito\\_a\\_partir\\_de\\_um\\_estudo\\_de\\_caso\\_da\\_campanha\\_eleitoral\\_de\\_2018](https://www.academia.edu/38061666/Populismo_digital_roteiro_inicial_para_um_conceito_a_partir_de_um_estudo_de_caso_da_campanha_eleitoral_de_2018)

CORREA, Diogo Silva. DIAS, Rodrigo de Castro. A crítica e os momentos críticos: De La Justificacion e a guinada pragmática na Sociologia Francesa. **Mana**, 2016, vol.22, n.1, pp.67-99.

DI FELICE, M. **Mídias Nativas**. Acesso em: 20/04/2018. <<http://www.grupoatopos.blogspot.com>>

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. “Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu”. Lisboa, Edições 70 (col. Perspectivas do Homem, n.º 39), s.d. (trad. por Sônia Pereira da Silva, 1966).

EVANGELISTA, R. & BRUNO, F. WhatsApp and political instability in Brazil: targeted messages and political radicalisation. **Internet Policy Review**, 8(4), 2019.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. 2008. Cidade sitiada, o medo como intriga. **Revista IluMinuras**. Porto Alegre: UFRGS..9 (2)..

\_\_\_\_\_. 2003. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. **Revista IluMinuras** - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais NUPECS/LAS/PPGAS/IFCH e ILEA/UFRGS 4 (7).

ECO, U. 2005. **Obra Aberta**: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva.

FERREIRA, M. L. S. #BHNASRUAS: uma análise do confronto político contemporâneo a partir das páginas do Facebook. 10º ENCONTRO DA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA POLÍTICA, Belo Horizonte/MG  
30 de agosto a 02 de setembro de 2016.

FOLHA UOL. **Folha Explica**. “Operação Lava-Jato”. São Paulo. Acesso em 10/08/18. <<http://arte.folha.uol.com.br/poder/operacao-lava-jato/>>

FONSECA, A. A. **Haters são produtos diretos do modelo de negócio das redes sociais:** aprenda a se defender. Disponível em: <<https://universoracionalista.org/haters-sao-produtos-diretos-do-modelo-de-negocio-das-redes-sociais-aprenda-a-se->>. Acesso em 20/02/2020.

FUCHS, Christian. Mídias sociais e a esfera pública. In: **Revista Contracampo**, v. 34, n. 3, ed. dez/2015-mar/2016. Niterói. 2015. Págs: 5-80

\_\_\_\_\_. TROTTIER, Daniel. “Internet Surveillance after Snowden: A critical Empirical” Study of Computer Expert’s Attitudes on Commercial and State Surveillance of the Internet and Social Media post-Edward Snowden”. **Journal of Information, Communication & Ethics in Society**, v. 15, n. 4, p. 412-444, 2016.

GOMES, W. 2005. “Internet e participação política em sociedades democráticas” **Revista FAMECOS**, n.27, p.58-78.

GRANOVETTER, M. (1973). The strength of weak ties. In: **American Journal of Sociology**, University Chicago Press, Chicago, v. 78, Issue 6, p.1930-1938.  
\_\_\_\_\_. (1983).

HABERMAS, J. **Mudança estrutural na esfera pública:** investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HONNETH, Axel. 2010. "**Dissolutions of the social:** on the social theory of Luc Boltanski and Laurent Thévenot". *Constellations*, 17(3):376-389.

HUNTER, J. D. **Culture Wars:** The Struggle To Define America, Art, Education, Law, And Politics In America. EUA, 1. ed. Avalon Publishing Group, 1992.)

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LÉVY, P. 2010. “A mutação inacabada da esfera pública”. In: LEMOS, A.; LÉVY, P. **O futuro da internet:** em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus.

LIU, B. Sentiment analysis and subjectivity. In: INDURKHA, Nitin; DAMERAU, Fred J. **Handbook of natural language processing** Boca Raton, FL: CRC Press, 2010

LOSEKANN, Cristiana. 2012. Participação da sociedade civil na política ambiental do Governo Lula. **Ambient. soc.** São Paulo, 15 (1).

LUTZ, C. ABU-LUGHOD L. 1990. **Language and the Politics of Emotion**. Cambridge: Cambridge University Press.

MALINI, F. CIARELLI, P. MEDEIROS, J. 2017. O sentimento político em redes sociais: big data, algoritmos e as emoções nos tweets sobre o impeachment de Dilma Rousseff. **Liinc em Revista**. 13 (2).

MEDEIROS, Jackson da Silva. 2013. Considerações sobre a esfera pública: redes sociais na internet e participação política. **TransInformação**, Campinas, 25(1):27-33.

MIGNOZZETTI, U. SPEKTOR, M. Brazil: When Political Oligarchies Limit Polarization but Fuel Populism”. In: Thomas Carothers & Andrew O’Donohue (Eds). **Democracies Divided: The Global Challenge of Political Polarization**. Washington DC: Brookings Institution Press, 2019, p. 228-254.

MIZUKO, Ito, Mizuko, **Living and Learning with New Media: Summary of Findings from the Digital Youth Project** In The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Reports on Digital Media and Learning. Cambridge: MIT Press, 2008.

MOUFFE, C. For an Agonistic Model of Democracy. In **The Democratic Paradox**. London : Verso, 2000.

MOROZOV, E. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu, 2018. 189 p.

MUDDE, C. **The Far Right Today**. Cambridge, Polity Press, 2019.

ORTELLADO P. RIBEIRO, M. M. **Gráficos mostram polarização política nas redes sociais no Brasil**. 2018, Disponível em:<<http://www.digitalnewsreport.org/>>. Acesso em 23/01/2020.

PAVESI, Patrícia Pereira. 2017. A gambiarra, o acesso à internet e a ciência de várzea: consumo de Tecnologias de Informação e epistemologias populares. **Revistas Sinais**, [21 \(2\)](#).

\_\_\_\_\_. VALENTIM, Julio. Emoções Tagueadas: notas sobre afetos em redes digitais a partir do assassinato de Marielle Franco. In ZANETTI, D. ANTOLINI, M. REIS, R. **Mídia, gêneros e identidades: representações e discursos**. 2020, No prelo.

RIFIOTIS, T. 2016. **Etnografia no Ciberespaço como “repovoamento” e explicação**. *RBCS*, 31 (90).

ROSENBLAT, Alex. **Uberland: how algorithms are rewriting the rules of work**. Oakland: University of California Press, 2018).

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. São Paulo: Cosac & Naif, 2016.

\_\_\_\_\_ **A esquerda brasileira morreu.** Disponível em:<  
<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-02-10/como-a-esquerda-brasileira-morreu.html>> Acesso em 15/10/2020.

SAHLINS, Marshall. Cosmologias do capitalismo: o setor transpacífico do “sistema mundial”. In: SAHLINS, Marshall. **Cultura na prática.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

SCANNELL, Paddy. Public Service and Modern Public Life. **Media, Culture and Society**, v. 11, n. 2, p. 135-166, 1989.

SCHERER-WARREN, I. 2006. Redes sociais na sociedade da informação. In: MAIA,

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Democracia e os códigos invisíveis:** como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas (Coleção Democracia Digital). São Paulo: Edições SESC, 2019.

SRNICEK, N. **Platform capitalism.** Cambridge: Polity Press, 2017.

SPARKS, Colin. Is There a Global Public Sphere? In: THUSSU, Daya Kishan. **Electronic Empires. Global Media and Local Resistances.** London: Hodder Arnold, 1998, p. 91-107.

STAVRAKAKIS, Y. Paradoxes of Polarization: Democracy’s Inherent Division and the (Anti-) Populist Challenge. **American Behavioral Scientist**, 62(1), 43–58, 2018.

VALENTIM, Júlio. **A Mobilidade das Multidões:** Comunicação Sem-fio, Smart Mobs e Resistência nas Cibercidades. 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-0515-1.pdf>. Acesso em 22/01/2019.

VAN DIJCK, J. POELL, T. WAAL, M.D. **The platform society: public values in a connective world.** New York: Oxford University Press, 2018.

### **Emotion and Polarization in and by Digital Networks: the management of affective repertoires by networked audiences**

#### ABSTRACT

Our aim in this article is to reflect, in a speculative perspective, the relationship between Affective Repertoires and Political Polarization / Duplicity in interactions on and over the Internet. Therefore, we seek to establish a dialogue with authors who discuss the phenomena in question. The hypothesis that guides our discussion is that, with the supposed existence of a cultural environment in the recent Brazilian historical context, there is favorable in the production of new ones and the reinforcement of old forms of polarization in audiences that connect in and through Digital Social Networks . This process would unfold

from conflicting modes of management of different Affective Repertoires between two large groups of actors: one more ideologically aligned with the Right's discourse and the other in tune with the Left's. In the path we followed, initially, we talked about the possibilities of research around emotions in digital environments. In the sequence, we raised theoretical elements for the understanding of the possibilities of Connective Action in the management of Affective Repertoires by Network Audiences in the universe of Digital Platforms, as well as the indicators of Internet Political Polarization, especially in Brazil.

Keywords: Social networks, Affective repertoires, Polarization, Duplicity.